



## A ESCOLA DANÇA? UMA PROPOSTA DE CHRISTIANE ARAÚJO PARA TRANSFORMAÇÃO EDUCACIONAL A PARTIR DA DANÇA

### SCHOOL DANCES? A PROPOSAL BY CHRISTIANE ARAÚJO FOR EDUCATIONAL TRANSFORMATION FROM DANCE

Samuel Mazza\*

SESI –Uberaba

<https://orcid.org/0000-0001-5581-0981>

[nogueiramazza@gmail.com](mailto:nogueiramazza@gmail.com)



www.revistafenix.pro.br

Já é perceptível para os profissionais de educação que o sistema de ensino no Brasil vem passando por profundas transformações. Há alguns anos que as diretrizes educacionais do país sofrem com alterações, que acontecem sem debates ou discussões, e quando, raramente, acontecem, as considerações e sugestões críticas não são acatadas, resultando em documentos homologados sem a devida participação da população interessada, ou seja, a sociedade e as entidades educacionais como um todo.

É dessa forma que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), projeto que foi iniciado em 2013 e somente finalizado em 2017, possui pontos de destaque que marcam claramente essas mudanças, quando propõe um conteúdo mínimo para a educação básica em todas as escolas públicas e privadas e a promessa de maior protagonismo dos alunos durante sua formação. A BNCC, a despeito das várias críticas, iniciou sua implementação

---

\* Professor de História pela escola SESI -Uberaba e Marista -Uberlândia. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (PPGH-INHIS/UFU). Integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC/UFU).

em 2018 e teve seu último estágio de implementação em 2022 com a reforma do Ensino Médio ou, melhor dizendo, o Novo Ensino Médio.

Para alguns especialistas, esses dois processos articulados entre si, BNCC e Novo Ensino Médio, representam interesses do poder econômico e do mercado educacional, além de promover desigualdades na formação educacional e, conseqüentemente, profissional entre os indivíduos. A drástica diminuição do currículo impõe a obrigatoriedade de Português e Matemática, flexibilizando ou extinguindo outras disciplinas em favor de conhecimentos mais práticos e tecnológicos, descaracterizando o Ensino Médio. Organizado por áreas de conhecimento e não por matérias, o novo Ensino médio prioriza determinadas disciplinas e suas tecnologias, com o aumento de cargas horárias, aprofundamento técnico e prático na área de conhecimento escolhida, além de promover uma profissionalização precoce com certificados e diplomas técnicos já no final da educação básica, inserindo esse estudante no mercado de trabalho.

As disciplinas mais impactadas com as novas diretrizes da educação foram, sem dúvidas, as Ciências Humanas (História, Sociologia, Filosofia e Geografia), além das disciplinas de Artes e Educação Física, já que, em muitos casos, tiveram carga horária reduzida no Ensino Fundamental Anos Finais e, no caso do Ensino Médio, algumas dessas matérias foram até excluídas da grade de disciplinas<sup>1</sup>. Evidentemente que esse lugar secundário ocupado por essas disciplinas serve muito aos interesses de mercado e do Estado, já que seus conteúdos tendem a problematizar formas de dominação e despertar o senso crítico dos estudantes<sup>2</sup>.

A disseminação dos Mestrados Profissionais destinados a licenciados que atuam na educação também apresenta mudanças quando circulam novas propostas educacionais nos cursos de pós-graduação, como as Metodologias Ativas e a Aprendizagem Baseada em Problemas. Tais propostas pedagógicas tentam modificar, como alguns autores chamam, a

---

<sup>1</sup> O Novo Ensino Médio foi construído na perspectiva de itinerários formativos que podem ser escolhidos pelas escolas. Diante dos interesses de cada instituição, algumas disciplinas podem ser selecionadas para os itinerários e outras podem ter carga horária reduzida ou, até mesmo - para aquelas que deixaram de ser obrigatórias -, serem retiradas do “cardápio” de disciplinas ofertadas. Para mais informações sobre o Novo Ensino Médio, ler: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *O Guia de Implementação do Novo Ensino Médio*. 2021. Disponível em: [Guia-de-implantacao-do-Novo-Ensino-Medio.pdf \(anec.org.br\)](https://anec.org.br/guia-de-implantacao-do-novo-ensino-medio.pdf). Acesso em: 23 fev. 2022

<sup>2</sup> Para aprofundamento deste tema, ler: *BNCC, o ensino de Sociologia e a* de Ileizi Fiorelli Silva: Apesar do texto da autora se concentrar no ensino de sociologia e em como os pesquisadores da Sociologia têm lidado com a BNCC, uma luz importante é jogada sobre o contexto geral do ensino de ciências humanas a partir da BNCC. SILVA, Ileizi Fiorelli. *BNCC, o ensino de Sociologia e a* (pg. 51 – 55). In.: Brunetta, Antonio Alberto (org.) et al. *Dicionário do Ensino de Sociologia*. 1. ed. - Maceió—, AL: Editora Café com Sociologia, 2020. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5669850/course/section/6059967/Ileizi%20BNCC.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

organização da escola tradicional. Tanto as Metodologias Ativas como a Aprendizagem Baseada em Problemas evidenciam a importância de valorizar a realidade dos estudantes, buscando sempre partir de seu contexto real para o desenvolvimento de atividades pedagógicas. No caso específico da Aprendizagem Baseada em Problemas, há uma busca incessante de partir de problemas reais, vividos por pessoas reais e que sejam apresentados aos alunos para que eles busquem soluções para esses problemas, o que difere do modelo de educação preponderante no Brasil em que se estabelece uma relação vertical de ensino onde o professor torna-se o centro do processo e o aluno, um mero receptor de conteúdo.

Em contrapartida, o efeito direto dessas propostas pedagógicas foi também a valorização de disciplinas ligadas às áreas da Matemática, Física e Química que direcionam o aluno para aprendizados técnicos que podem ser empregados no mercado de trabalho. Além disso, a inclusão de atividades extraclasse, normalmente ofertadas no contraturno das escolas de nível Fundamental e Médio, como a robótica e os cursos de programação, visam preparar esses estudantes para o aprofundamento de seus conhecimentos em outros níveis escolares (Ensino Médio e curso superior).

Diante desta realidade, fica uma pergunta: Qual o lugar das disciplinas de Humanas e Artes nas escolas hoje em dia? É essa a pergunta que Christiane Araújo tenta responder em seu livro **A Dança na disciplina de Arte: transposição entre as linguagens artísticas** (2021), pelo menos no campo das Artes. Em um esforço teórico, metodológico e prático, a autora vai além de apenas reforçar as críticas, já tão disseminadas, sobre o atual contexto da educação no país.

Ao longo de oito capítulos, Araújo estabelece caminhos claros de inserção da disciplina de Artes no ambiente escolar. Norteada pela BNCC e na Aprendizagem Baseada em Problemas, a autora indica pontos de entrada da disciplina nesse novo contexto escolar, evidenciando como a disciplina de Artes é essencial para o desenvolvimento da sensibilidade estética, do senso crítico, consciência corporal e resolução de problemas de forma coletiva.

Ora, é perceptível que o contexto atual da educação tem retomado cada vez mais os valores educacionais estabelecidos pelos iluministas no século XIX, em que se valorizava mais os conhecimentos teóricos e os exercícios mentais em detrimento do corpo e das experiências corporais. Nesse caso, o lugar da dança fica cada vez mais relegado ao descaso. A ausência da Dança e do Teatro na escola é tão sistemático que chega a criar um tabu sobre expressões artísticas corporais e sobre a própria corporalidade. Isso fica ainda mais evidente quando observamos a expansão dos cursos de programação nas escolas

valorizando informações, interfaces, autômatos, robôs, ao passo que a corporalidade dos estudantes vai desaparecendo cada vez mais.

Como a própria autora afirma:

(...) um dos importantes eixos de estudo da Dança e do Teatro é o desenvolvimento da consciência corporal do estudante, visto como um corpo não mais separado em corpo/mente, mas sim integrado em todo o contexto biopsicossocial, que o cerca e o forma. (ARAUJO, 2021, p.87-88)

Na perspectiva da autora, a dança é capaz de problematizar o que pedagogos e educadores chamam de escola tradicional, pois ao promover a integração do contexto biopsicossocial do estudante com a escola estamos trazendo problemas reais dos alunos para serem discutidos e resolvidos dentro de sala de aula através da Dança e do Teatro. Além disso, questiona-se a velha perspectiva iluminista que separa corpo e mente, mudando o discurso do “tenho um corpo” para “sou um corpo”.

Essa análise de Araújo nos leva a pensar sobre outro problema experienciado cotidianamente nas salas de aula: a questão estética dos próprios alunos. É fato que muitos alunos têm tido acesso irrestrito às mídias sociais que, entre outras informações veiculadas, exhibe constantemente corpos específicos que são licenciados (ou permitidos) de serem exibidos. Em contrapartida, outros corpos são repelidos e condenados ao desaparecimento. Os efeitos desse assédio físico para os adolescentes podem ser graves se não forem bem trabalhados e, principalmente, problematizados. Nesse sentido, o ensino da Dança e do Teatro nas escolas poderia minimizar os efeitos do apelo físico e corporal presentes nas redes sociais. Ao trabalhar com a consciência corporal, trabalhamos com a aceitação e potencialização desse corpo que, na verdade, é um sujeito.

Araújo aponta que:

Segundo Marques (2014), o acesso à Arte e ao conhecimento de suas diferentes linguagens, entre outros fatores, permite que o ser humano desenvolva uma reflexão crítica capaz de fugir do consumismo imediato e descartável da indústria de entretenimento, à medida que aprende a criar redes de relações entre as pessoas, não valorizando, necessariamente, o universo de compra e venda. A falta dessa reflexão crítica pode ser muito prejudicial à formação do indivíduo. (ARAUJO, 2021, p.32)

A exclusão do Teatro e da Dança no sistema educacional no Brasil não é um fato novo. Em uma breve análise da história recente do ensino de Artes, Araújo constata a valorização de professores formados em Artes Plásticas, cuja maioria compõe o corpo

docente que atua no sistema educacional. Isso se deve a inúmeros motivos que vão desde à formação em instituições formais de ensino, que se consolidaram mais cedo no país e estão em maior número, até à estrutura de escolas que não possuem salas preparadas para as aulas de Dança e de Teatro. Conseqüentemente, o ensino de artes acaba restrito, principalmente, ao ensino da História da Arte, em que os estudantes recebem informações sobre as escolas artísticas em uma perspectiva histórica progressiva e linear. Entre os vários problemas que podem surgir de tal metodologia, Araújo ainda destaca o quanto essa forma de encarar o ensino de artes acaba minimizando todas as potencialidades de intervenção na vida dos jovens.

A autora deixa claro que seu objetivo não é fazer com que professores formados em Artes Plásticas comecem a dar aulas de Dança e Teatro nas escolas. O exercício de Araújo é mais interessante na medida em que oferece soluções bastante significativas: em primeiro lugar, deve-se garantir o acesso de docentes formados em Dança e Teatro às escolas e, antes que a estrutura da instituição seja justificativa para que isso não ocorra, o livro traz, em seu capítulo oitavo, uma série de planos de aulas de Dança que podem ser executados dentro de uma sala de aula comum. E ainda, partindo de bases teóricas estruturalistas, ela define o que chama de Transposição Entre Linguagens Artísticas, um conceito muito próximo da Transposição Intersemiótica de Claus Cluver<sup>3</sup>, com uma novidade: o uso dessa transposição no contexto educacional. A proposta conceitual é apresentar temas que sejam interdisciplinares tanto dentro das linguagens artísticas (Artes Plásticas, Dança, Teatro e Música) quanto em outras disciplinas, tais como História e Geografia. A ideia inicial é aproveitar os conteúdos curriculares do ensino de artes, apresentando determinada obra e, em seguida, promover a transposição dessa obra para outra linguagem.

De forma geral, a ideia defendida pela autora é a de que o professor de dança consiga aproveitar estruturas das obras visuais para promover o ensino da dança, ou seja, busca-se promover um diálogo, através da transposição, entre as linguagens artísticas:

(...) proposta é trabalhar **com a transposição entre as linguagens artísticas enquanto diálogo e não na perspectiva de professor polivalente, ou seja, justamente em oposto à polivalência. É possibilitar que o professor possa atuar na sua linguagem de formação (Dança) tendo instrumento para enfrentar de forma criativa e inventiva os desafios encontrados na disciplina de Arte na escola.** (ARAÚJO, 2021, p.121, grifo do autor)

<sup>3</sup> Para aprofundamento do conceito, ler: CLÜVER,, 2012.

Nesse aspecto, os conhecimentos prévios dos estudantes, já ambientados com os conteúdos das Artes Plásticas, seriam aproveitados, ao mesmo tempo em que haveria a inserção de novas vivências, possibilidades de experimentações com o corpo e sistematização de novos conhecimentos.

Saindo do campo teórico, a autora ingressa no campo prático, demonstrando as possibilidades pedagógicas da Transposição Entre Linguagens Artísticas. Nesse momento, Araújo nos apresenta dois quadros com exemplos de transposições diretas e indiretas, como ela mesma conceitua. Esses quadros trazem conteúdos ministrados dentro das artes plásticas no âmbito nacional, mundial e regional com suas respectivas possibilidades de transposição para a dança.

Um desses exemplos é no contexto da Arte Modernista no Brasil. Araújo sugere que devemos apresentar as obras do modernismo, como a pintura *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, transpondo-a para a dança com a apresentação de dançarinos e dançarinas, como *Marina Olenewa*, do mesmo período. É possível perceber que esses quadros são apenas possibilidades de transposição selecionadas pela autora.

O exercício pedagógico mais interessante está ao final do livro nos planos de aulas criados para Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio. Nesses planos, observa-se de fato o processo de transposição e os exercícios de dança a partir da Aprendizagem Baseada em Problemas.

Todos os planos de aula desenvolvidos por Araújo trazem a transposição de conteúdos já existentes no currículo escolar, porém sempre possibilitando a observação e a prática dos estudantes. Por exemplo, na sequência didática sobre a Arte Pré-Histórica, os conhecimentos sobre a vida nessa época são apresentados para os alunos, além da exposição de imagens de pinturas rupestres. Após esse primeiro momento, são feitos alguns exercícios baseados em elementos da natureza que vão se construindo e constituindo-se como movimentos de improvisação, claro, sempre com orientação e auxílio do professor de Dança (ARAÚJO, 2021 pg. 175 – 181).

Nesse resumo do plano aula, uma série de propostas pedagógicas são observadas, tais como a própria transposição, valorização de conhecimentos prévios dos estudantes, interdisciplinaridade e a sistematização de conhecimentos. Deve-se insistir aqui que a interdisciplinaridade, nesse caso e em vários outros, não se dá apenas entre as disciplinas de Arte, mas entre todas as outras disciplinas do currículo escolar.

Apesar dos extensos exercícios teóricos feitos pela autora, preferimos abordar aqui, de forma mais evidente, os impactos do livro no ambiente escolar, já que, a nosso ver, essa é a proposta fundamental da autora, além de ser uma obra que apresenta, de forma muito prática, como a problematização da “escola tradicional” não é feita somente através da tecnologia. As disciplinas e os professores são capazes de promover mudanças muito mais fundamentais e relevantes quando tornamos o aluno, e não os conteúdos, o centro do processo pedagógico.

O fato é que o livro *A Dança na disciplina de Arte: transposição entre as linguagens artísticas* evidencia o quanto já perdemos ao tratar o ensino de Dança nas escolas com tanto descaso. Mas, por outro lado, Araújo alerta que ainda há tempo e as mudanças podem ser mais simples, rápidas e sem a necessidade de gastos exorbitantes por parte das escolas. A questão que nos resta agora é: haverá interesse do sistema de ensino em promover essas mudanças?

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Christiane. **A Dança na disciplina de Arte: transposição entre as linguagens artísticas**. 1º Edição – Campo Grande, MS: Life Editora, 2021.

CLÜVER, C. Intermedialidade. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes daEBA/UFMG*, [S.l.], p. 823, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O Guia de Implementação do Novo Ensino Médio**. 2021. Disponível em: [Guia-de-implantacao-do-Novo-Ensino-Medio.pdf \(anec.org.br\)](https://anec.org.br/Guia-de-implantacao-do-Novo-Ensino-Medio.pdf). Acesso em: 23 fev. 2022

SILVA, Ileizi Fiorelli. BNCC, o ensino de Sociologia e a (pg. 51 – 55). In.: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020. pp. 471. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5669850/course/section/6059967/Ileize%20BNCC.pdf> Acesso em: 23 fev. 2022.

**RECEBIDO EM: 24/02/2022**  
**PARECER DADO EM: 31/05/2022**